

# Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda

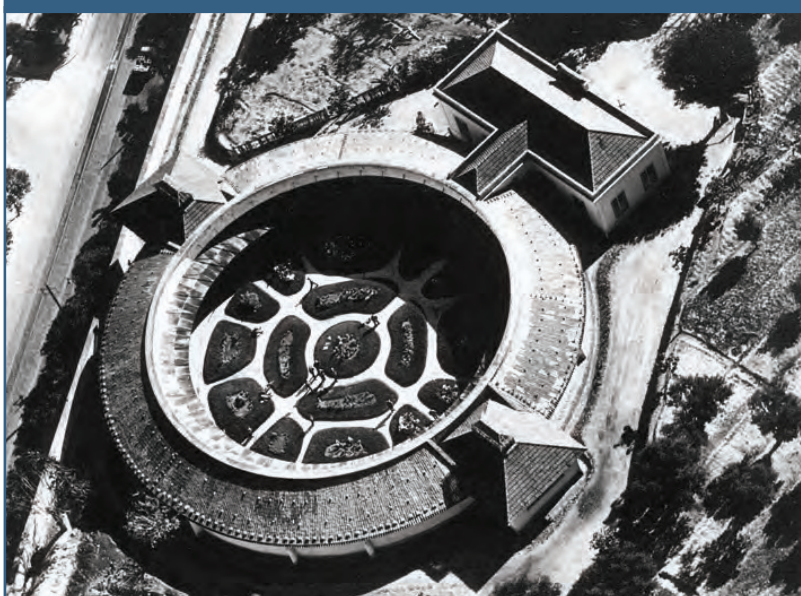
## O mais importante edifício de finais do século XIX, princípios do século XX, em Portugal

*À memória do Prof. Miguel Bombarda, principal dirigente da Revolução Republicana, no centenário da sua morte, a 3 de Outubro de 1910.*

O Pavilhão de Segurança (1892-1896) do então designado Hospital de Rilhafoles, em Lisboa (o primeiro hospital psiquiátrico português, fundado em 1848), foi concebido para enfermaria-prisão. Destinado a doentes da penitenciária, ou que haviam cometido crimes, não deve ser confundido com uma enfermaria psiquiátrica típica da época ou com as outras do Hospital.

Local de sofrimento e dor (antes do aparecimento dos psicofármacos na década de 1950) é, paradoxalmente, um edifício de grande beleza, poderoso e inesquecível. Compreende um corpo rectangular de apoio e um corpo circular, o espaço de reclusão, com vinte celas-quartos e seis dormitórios (além de sanitários, refeitório e sala de reunião), dispostos axialmente a partir da única porta de acesso ao exterior e dando para um vasto pátio-praça com 32 metros de diâmetro, onde, ao centro, existia uma torre-quiosque de vigilância.

Foi mandado construir pelo Prof. Miguel Bombarda, prestigiado director do Hospital, entre 1892 e 1910, e dirigente máximo da revolução republicana. A nossa investigação descobriu o projecto (guardado na Torre do Tombo) bem como o seu autor, José Maria Nepomuceno (1836-1895), um arquitecto esquecido e tido, erradamente, por conservador. Enquanto chefe de divisão das Obras Públicas, é de sua autoria grande parte das remodelações e da construção nova no sector assistencial em Lisboa, incluindo, no Hospital de Rilhafoles, um grande pavilhão com inédita planta em “poste telefónico”, uma cozinha com cobertura piramidal sustentada por invulgares tirantes concêntricos, e dois vastos telheiros de madeira, ferro e telha, para o “passeio



*Vista aérea do Pavilhão de Segurança em 1948.*

dos doentes”, um deles com 80 metros de extensão.

O Pavilhão de Segurança é um dos raríssimos edifícios panópticos do mundo (sistema inventado em 1787 pelo juriconsulto inglês Jeremy Bentham) e só esse facto o tornaria relevante na história da arquitectura portuguesa. Integra um grupo de seis edifícios que mais se aproximam do modelo de Bentham (as penitenciárias de Breda, Arnhem e Haarlem, na Holanda, Stateville, nos EUA e

Ilha dos Pinheiros, em Cuba), sendo o único com pátio a descoberto (a zona de estar, onde o ar livre beneficiava o estado mental dos pacientes e evitava a propagação de doenças) e o único visitável pelo público.

E o reconhecimento internacional aí está: o sítio de Internet da Universidade de Londres (UCL), dedicado a Jeremy Bentham, concede, desde 2009, significativo destaque ao Pavilhão de Segurança na listagem que apresenta de edifícios panópticos no mundo.



No exterior, uma nova linguagem formal, incluindo janelas de horizontalidade anticlássica.



O Panóptico é um sistema arquitetónico que possibilita a vigilância permanente dos presos: num edifício circular de vários pisos, as celas, com grades, dão para um espaço central vazado e coberto, onde se situa uma galeria ou uma torre de observação para visualização das celas e do seu interior. É frequente confundir-se o sistema panóptico com o sistema radial (de John Havilland), bastante comum nas penitenciárias da Europa e América Latina no século XIX: as celas distribuem-se por vários blocos rectangulares e não circulares, que irradiam de uma sala central (por vezes com torre), de onde se visualizam os corredores dos blocos e não as celas (como na grandiosa penitenciária de Lisboa, e nas de Coimbra e Santarém).

O Panóptico é paradigma do poder dos edifícios em influenciar o comportamento humano e tornou-se um símbolo, ou alegoria, de violação da privacidade, um pré *Big Brother* de George Orwell, divulgado depois por Foucault. Mas, na verdade, o Panóptico era uma máquina inofensiva, quando comparada com os instrumentos para manipular as mentes, criados pelos regimes totalitários no século XX, ou com os sofisticados meios de vigilância actuais... E Bentham foi um progressista para o seu tempo, que colaborou com os liberais portugueses na feitura da Constituição de 1822 e que defendeu a despenalização da homossexualidade ou o sufrágio universal.

Mas, além de panóptico, o Pavilhão de Segurança, no corpo circular, exi-

be um estilo (ou melhor, linguagem formal) vanguardista em termos internacionais, com amplos arredondamentos de arestas em exteriores, antecipando a grande revolução do design e da arquitectura moderna dos anos 1920 e 1930.

Os arredondamentos nos bancos fixos e nas portas que circundam o pátio teriam como função evitar contusões (em doentes agitados), facilitar a limpeza e conferir maior resistência dos materiais ao choque – precisamente as razões justificativas do design industrial ou de produto. São



Arredondamentos racionalistas que antecipam o design dos anos 1920 e 1930.

arredondamentos de feição racionalista, com secção simétrica em quarto de círculo, tal como os electrodomésticos e o mobiliário três décadas depois (ver mobiliário Bauhaus de estrutura tubular dobrada em quarto de círculo, aspiradores, frigoríficos, rádios, etc.) ou a arquitectura Streamline e Art Déco não historicista (ver “Casa da Cascata” (1935-1936) de Frank Lloyd Wright e, em Lisboa, imóveis “Hotel Victória” (1936) de Cassiano Branco e “Diário de Notícias” (1936) de Pardal Monteiro).

Se no pátio a função gerou a forma dos arredondamentos, no exterior do corpo circular os arredondamentos estendem-se, ainda mais amplos, a janelas, frestas e contrafortes, definindo claramente uma nova linguagem formal, ainda hoje inusitada, radical e pré-modernista.

O vanguardismo do Pavilhão também se manifesta no betão (material recente) dos bancos fixos, escultóricos, qual símbolo da modernidade do edifício. Também as janelas do refeitório e da sala de reunião, com



A modernidade do telheiro: levíssimo e de cancelado radial.

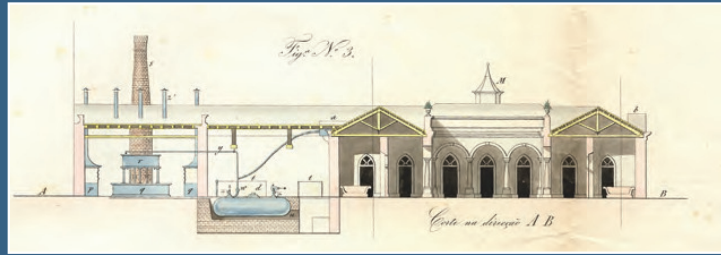
### BALNEÁRIO D. MARIA II, PATRIMÓNIO EM RISCO

Inaugurado em 1853, pela rainha D. Maria II, o Balneário do Hospital de Rilhafoles foi considerado na época o melhor da Europa. De pendor romântico, conjuga exuberantemente Neogótico, Neorenascença e arquitectura do ferro, além da notável policromia estratificada da azulejaria de fachada. Destinava-se a banhos terapêuticos aplicados, especificamente, em psiquiatria: de vapor com aromas medicinais, de ar quente, de duche vertical e lateral, de onda, quentes, frios, etc.. Conserva-se parte dos equipamentos como tinas, cabines de duche e banheiras.

Embora classificado Imóvel de Interesse Público, o Balneário D. Maria II, por manifesta insuficiência de verbas do Centro Hospitalar para obras de recuperação histórica, apresenta as suas elegantes arcadas em sério risco de colapso, tendo sido escoradas por indicação do LNEC. E a abertura de fendas tem provocado o desprendimento e quebra de dezenas de azulejos.



Balneário D. Maria II.



Corte pormenorizado. Gravura de 1855. A partir da direita: zona dos banhos terapêuticos, caldeiras e cozinha industrial adjacente.

singular arcação, apresentam uma revolucionária horizontalidade anti-clássica. Sublinhe-se, ainda, o genial telheiro de ferro e zinco, levíssimo e milimétrico, limpo de decoração, suspenso com estrutura em cinta, côncavo-convexo, com chapas de canelado não paralelo mas radial, fabricadas especificamente. E o conjunto assenta raízes no gosto, materiais e habitabilidade portugueses, em particular do Centro e Sul: graciosidade das cantarias, nudez e textura da cal, bancos fixos (poiais) de estar à porta, ar livre e praça.

Todo este vanguardismo e experimentalismo do Pavilhão de Segurança, do qual não se descortina paralelo em termos internacionais (um reconhecimento inevitável e que não tardará...), suplanta, inequivocamente, o de qualquer outra construção da época em Portugal (embora com exemplos de bom nível, mas sem características marcadamente inovadoras). Representa, assim, o mais importante edifício da arquitectura portuguesa do virar do século.

Finalmente, uma palavra sobre as obras de restauro. Seguiu-se uma metodologia sequencial e que se pretendeu rigorosa. Primeiro que tudo, o aprofundado estudo histórico que evi-

denciou a enorme importância patrimonial do imóvel. Seguidamente, e perante essa importância, definiu-se a reutilização como Enfermaria-Museu (à semelhança das casas-museu), de modo a garantir a salvaguarda da autenticidade e ambiência hospitalares dos interiores, consubstanciada no Programa. E só depois, com base no estudo e no Programa, foi elaborado o Projecto submetido ao IPPAR, da autoria do arquitecto Alejandro Lauria, com especialização em restauro.

Saliente-se a elaboração de estudos sobre os revestimentos, betão e história cromática do edifício (este para determinar a cor original), pelo LNEC; a utilização de argamassa pré-doseada à base de cal, sem cimento industrial, assegurando a longevidade da estrutura; a reposição dos caixilhos em madeira, ou o emprego de moldes e de testemunhos do existente, na execução dos arredondamentos em janelas, frestas e contrafortes.

#### BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

Fairweather, Leslie, *The Evolution of the Prison, Prison Architecture*, United Nations Research Institute, Londres, s.d..

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, *Revestimentos Exteriores de Paredes do Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Rela-

tório 62/06, da autoria de Martha Lins Tavares e Maria do Rosário Veiga, Lisboa, 2006.

Freire, Vítor Albuquerque, *Panóptico, Vanguardista e Ignorado, o Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009.

#### PAVILHÃO DE SEGURANÇA - MUSEU

Além da originalidade e beleza de um edifício único, exhibe-se parte da vasta coleção de pintura de doentes (*Arte Crua / Outsider Art*), material clínico e hospitalar e exposições temáticas temporárias.

Hospital Miguel Bombarda / Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa  
R. Dr. Almeida Amaral, n.º 1, Lisboa  
Tel.: 213 177 400  
pavilhaosegurancamuseu@chpl.min-saude.pt

Horário: Sábado das 14h às 18h;  
Quarta-feira das 11h30 às 13h.  
Outros dias com marcação.  
Parque e entrada gratuitos.

VÍTOR ALBUQUERQUE FREIRE,  
Economista e Mestre em História  
pela Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa,  
Administrador Hospitalar (Centro  
Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa) e  
Director do Pavilhão de Segurança -  
Museu do Hospital Miguel Bombarda